

“LEITURA QUE RECOMENDAMOS - O QUE TODOS DEVEM LER”: IMPRESSOS DIDÁTICOS E ENSINO DE HISTÓRIA NAS ESCOLAS ANARQUISTAS*

*“Reading we recommend – What everyone should read”:
didactic printed work and teaching of History in anarchist schools*

José Damiro de Moraes**

RESUMO

A Educação sempre foi tema presente nas discussões e práticas do anarquismo inspirando a criação de escolas, centros de cultura e, principalmente publicações educacionais. Em Barcelona, Francisco Ferrer y Guardia (1850 - 1909) criador da Escuela Moderna fundou uma editora para produzir e publicar os livros que utilizaria, a “Biblioteca de la Escuela Moderna”. Nesta mesma direção, os anarquistas brasileiros investiram na publicação e divulgação de material para dar suporte teórico às suas ações educacionais. Encontramos no jornal A Voz do Trabalhador (1908-1915) e na revista A Vida (1914-1915) a orientação: “Leitura que recomendamos – O que todos devem ler” com diversas obras indicadas. Conjuntamente, no projeto educacional anarquista foi pensado uma outra forma de ensino de história desenvolvido no Compêndio de História Universal de Clemencia Jacquinet. A partir das análises e interpretações deste material procuramos perceber as diferenças, similitudes e compromissos na formação individual e coletiva desejada pelo projeto libertário da construção de uma nova sociedade.

Palavras-chave: Educação Anarquista; Livros Didáticos; Imprensa Anarquista.

ABSTRACT

Education has always been a theme present in the discussions and practices of anarchism inspired the creation of schools, cultural centers and particularly educational publications. In Barcelona, Francisco Ferrer y Guardia (1850 - 1909) created the Escuela Moderna founded a publishing house to produce and publish books that would use the “Biblioteca de la Escuela Moderna”. In the same direction, the Brazilian anarchists invested in the publication and dissemination of theoretical material to support their educational activities. We find in the newspaper A Voz do Trabalhador (1908-1915) and A Vida magazine (1914-1915) orientation, “we recommend reading - What everybody should read” with various works mentioned. Together, the educational project anarchist thought was another way of teaching history developed in the Compendium of Universal History of Clemencia Jacquinet. From the analysis and interpretation of this material we seek to realize the differences, similarities and commitments in individual and collective training desired by the libertarian project of building a new society.

Keywords: Education Anarchist; School Textbooks; Anarchist Press.

* Esse artigo foi originalmente apresentado no VI Congresso Brasileiro de História da Educação, Vitória/ES, 2011 em que recebeu sugestões que foram incorporadas para esta publicação. O texto é parte do projeto de pesquisa sobre conceito de educação integral no pensamento anarquista e contou com auxílio parcial da FAPEMIG quando o autor era professor da UFVJM.

** Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela UNICAMP. Professor Adjunto na Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: jdamiro@gmail.com

A produção brasileira sobre os manuais, livros e impressos destinados às escolas estão marcados por um conjunto de processo de exclusão. Segundo Galvão e Batista, existe um foco maior nos conteúdos dos livros “que expressariam diretamente os interesses de controle político ou dimensões da cultura escolar” em prejuízo do “conjunto dos procedimentos discursivos e retóricos dos quais esses conteúdos fazem parte” e dos “processos de apropriação desses conteúdos” (Galvão; Batista, 2009, p. 16). Os estudos desses autores vêm ao encontro de nossos anseios em compreender a produção e utilização de impressos com objetivos educacionais pelos anarquistas no Brasil.

A definição de livro ou impresso didático que, se à primeira vista não apresenta problemas, mostra-se complexa com as possíveis descrições e conceitos que possam ser estabelecidos. Nesse trabalho utilizamos a conceituação de Batista ao afirmar que esse material seria “aquele livro ou impresso empregado pela escola, para desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação” (Batista, 2009, p. 41). Em muitos casos esses impressos eram destinados exclusivamente ao professor, devendo assegurar seu domínio do conteúdo a ser transmitido (Batista, 2009, p. 54). A partir dessas perspectivas acreditamos que nas escolas anarquistas no Brasil o acesso aos livros e materiais impressos ficou restrito aos professores.

A Educação ocupou parte das discussões e práticas no campo socialista libertário do século XIX e XX, inspirando experiências e publicações. Apesar de existirem dúvidas referentes à possibilidade da implantação dessa proposta, por exemplo, Bakunin, os ideais educacionais anarquistas se propagaram. Entre alguns militantes que se debruçaram sobre a temática, Paul Robin (1837-1912) e Francisco Ferrer y Guardia (1850 - 1909) foram importantes educadores que desenvolveram experiências e influenciaram a criação de escolas em diversos países.

Paul Robin publicou suas reflexões sobre educação integral, sendo considerado referência na área pela Associação Internacional dos Trabalhadores na década de 1860. Além disso, dirigiu de 1880 a 1894 o Orfanato de Prévost em Cempuis, na França local em que implantou uma concepção de educação integral exemplar (Giroud, 1900; Tomassi, 1988). Por sua vez, Francisco Ferrer, além de fundar a Escola Moderna em Barcelona (1901-1906), criou uma editora destinada a produzir e publicar os livros a serem usados em seu projeto. A coleção foi chamada de “Biblioteca da Escuela Moderna”. Foram dezenas de publicações inclusive um boletim que recebia contribuições dos alunos e divulgava ações e questões teóricas do racionalismo - proposta pedagógica criada por Ferrer (Solà, 1978; Delgado, 1979; Moraes, 2006B).

Essa editora funcionou até 1920, inicialmente com a direção de Ferrer (1901-1909), depois com Lorenzo Porter (1912-1920) seu executor testamentário. Nesse período publicou 127 volumes correspondentes a 111 títulos com aproximadamente 20.000 páginas constituindo-se no período dentro da Espanha como uma empresa intelectual e comercial de educação popular, difusora do que pode ser chamada literatura de vanguarda ou revolucionária. Com a morte de Porter, em 1918, a editora Maucci adquiriu o direito do selo Publicaciones de la Escuela Moderna dos seus familiares e entre 1925 até 1936 continuou a publicar parte dos 127 volumes (Velázquez; Viñao, 2010, p. 83).

Seguindo os ideais educacionais libertários, os anarquistas no Brasil também investiram na publicação e divulgação de material para dar suporte teórico às suas ações educacionais. Encontramos no jornal *A Voz do Trabalhador* (AVT) da Confederação Operária Brasileira (COB), que circulou de 1908 a 1915, e na revista *A Vida* (1914-1915) a orientação: “Leitura que recomendamos – O que todos devem ler”.

Ao observarmos os autores e obras percebemos a riqueza e a profundidade teórica dos títulos sugeridos e aventamos que deveriam fazer parte das mesas de leituras das associações operárias, dos centros de estudos sociais e dos bolsos de militantes e simpatizantes do anarquismo. Nesse trabalho iremos apresentar o uso do impresso e de sua produção na Escola Moderna nº 1 e nº 2 de São Paulo, principalmente a partir do jornal *O Início*, escrito pelos estudantes. A proposta de educação anarquista não ficava restrita apenas às escolas e isso se refletiu nas publicações de periódicos que entram no interior da escola como parte do processo de ensino e aprendizagem. Esses elementos procuram criar uma consciência crítica e revolucionária que visava à criação de uma nova sociedade. Não menos importante foi o *Compêndio de História Universal* de Clemencia Jacquinet que procurou incentivar uma nova forma de escrita e ensino de história sendo indicados para leitura nos impressos operários.

Impressos didáticos nas escolas anarquistas

Centramos nosso estudo nas duas primeiras décadas do século XX por serem significativas às produções e práticas pedagógicas empreendidas pelos anarquistas. Como fonte elencamos periódicos libertários, o *Boletín de la Escuela Moderna* (Barcelona), *Boletim da Escola Moderna* (São Paulo) e o *Jornal O Início*, de responsabilidade dos alunos da Escola Moderna de São Paulo.

A criação das Escolas Modernas nº 1 e nº 2 ocorreu em 1912 em São Paulo. Estes dois estabelecimentos tornaram-se emblemáticos para o movimento anarquista, visto que procuravam adotar o racionalismo de Ferrer em suas práticas educativas (Moraes, 2006A).

O programa curricular dessas escolas era organizado basicamente em leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geografia, geometria, botânica, geologia, mineralogia, física, química, história, desenho, etc. Além disso, alertavam que “para complemento do nosso programa de ensino organizar-se-ão sessões artísticas e conferências científicas” (AVT, 01/02/1914). Também eram oferecidos cursos: noturno para adulto, preparatório de artífices, música e datilografia.

A exemplo de outras práticas educacionais libertárias os militantes anarquistas brasileiros utilizaram a imprensa para fins educacionais - publicações de textos dos estudantes e professores. Exemplo disto foi o jornal *O Início* escrito e dirigido pelos alunos da Escola Moderna nº 1 que visava divulgar trabalhos escritos e fornecer informações das atividades sociais. Nele encontramos notícias do funcionamento e manutenção da escola e do próprio jornal, através de festas, mensalidades e doações. Em suas páginas eram abordados diversos assuntos/temas de caráter didático como cartas de alunos para seus amigos, textos rememorando datas comemorativas e de mobilização do movimento operário, além de críticas às situações conjunturais nacionais e internacionais.

Esse jornal escolar também teve como objetivo trazer informações do cotidiano escolar, como passeios realizados pela cidade de São Paulo, atividades didáticas que descreviam o interior das casas e das salas de aulas. Os exercícios de composição e descrição eram “dados aos alunos, gradualmente, todas as semanas, afim de que eles aprendam; de modo prático, a escrever os seus pensamentos, a redigir cartas e a fazer descrições de objetos da devida ordem classificativa e emprego de pontuação precisa”. E anunciava que o objetivo desses escritos era: “para que os leitores se possam aquilatar do valor destes trabalhos publicamos nesta seção alguns destes exercícios” (Início, 1915).

Esses estudos escritos pelos estudantes revelam, ainda que superficialmente, o interior de uma sala de aula de uma escola anarquista. Com o título “Escola Moderna n.º. 1 Exercícios Escolares” encontramos descrições com riqueza de detalhes desse ambiente escolar libertário nos anos 1910 que nos indicam a presença de materiais didáticos e pedagógicos. Em um texto publicado, o aluno Edmundo Scala escreve:

Estou vendo sobre uma caixa, uma tesoura, uma navalha, um livro chamado História do Brasil, um livro chamado Dicionário do Brasil, uma pedra, uma aritmética, uma faca, uma pedra de mármore, uma tampa de tinteiro, uma garrafa, uma caixinha de penas, um apagador, uma Geografia da Infância, um saca-rolhas, o jornal “A Voz dos Trabalhadores”, duas folhinhas, um quadro negro, cinco mapas, um globo terrestre, um quadro com retrato de Francisco Ferrer, um armário, uma mala, dois papéis e uma ata vazia. (Início, 1915).

Além dos materiais escolares, aparecem outros poucos usuais em uma sala de aula tais como: navalha, faca, saca-rolha, pedra, mala. Outro aluno, José Monteiro, revela: “um mata-borrão sujo, um livro intitulado Ciências Físicas, um tinteiro vazio, um pedaço de giz, um caderno cor de rosa, quadrado e um caderno de português”. Em outro texto, é citado o livro Pequena Geografia da Infância, provavelmente de Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886)¹. O livro História do Brasil também pode ser desse mesmo autor, mas como existem outros com título semelhante não é possível fazer esta afirmação. Outro dado interessante é o jornal A Voz do Trabalhador da COB. A presença deste jornal revela que os estudantes utilizavam seu conteúdo para fins didáticos em sala de aula, que pode ser verificado ao acompanharmos as publicações dos estudantes e dos assuntos tratados pela imprensa operária.

No Jornal O Início, observamos a mudança de endereço da escola que saiu da rua Saldanha Marinho, 66 para a avenida Celso Garcia, 262. Neste novo local constatamos a ampliação do espaço interno das salas na descrição do aluno Guilherme Sanches Garcia, de 9 anos:

Eu vejo nesta sala de aula duas mesas, quatro bancos, duas cadeiras, três janelas, uma quadro negro, duas estantes, 11 chapéus, uma talha de água, duas lâmpadas de luz elétrica, sendo: uma de 25 velas e outra de 50, um relógio, uma folhinha, um vidro de goma arábica, um apontador, 40 figuras, quatro retratos, um globo, 15 carteiras, uma mesa, um piano e um copo. (Início, 1916).

¹ O Dr. Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886) é autor de várias obras didáticas, entre elas a Pequena Geografia da Infância, composta para uso das Escolas Primárias.

Destacamos a presença de um piano para aulas de música oferecidas pelo professor Alfredo Avella, conforme anúncio no próprio jornal. Entretanto, não encontramos nenhuma indicação de livros ou impressos, a não ser uma folhinha que deve se tratar de um calendário e 40 figuras, provavelmente, para auxiliar composições escritas.

Outro tema é a crítica à política do período que ajuda a sustentar a utilização pedagógica de periódicos operários para formar opinião, como o jornal *A Voz do Trabalhador* que trazia denúncia a partir do ponto de vista do sindicalismo revolucionário. Um exemplo é um tópico chamado de “Exercícios vários” com o título “A Guerra Européia”, no qual o aluno João Bonilha, de 16 anos, faz severos comentários sobre a Primeira Guerra Mundial ao escrever que o seu desejo é “em primeiro lugar, acabar com esses governadores, imperadores, reis, e finalmente com os burgueses de todas as classes, que são causadores desta monstruosa catástrofe, na qual tantas pessoas inocentes morrem deixando suas famílias num mar de tristeza e desconsolação” (Início, 1916). Nesse mesmo número, outro aluno, Luiz Cardoso, nos “Exercícios Epistolares”, escreveu:

Carta Sobre a Guerra

Meu querido amigo Joaquim

Saudações

Recebi a tua carta pela qual me pedias que eu te dêsse a minha opinião dizendo se obrarias bem ou mal indo para a guerra servir os barrigas cheias. Meu amigo, o que eu te digo é para não ires, porque tu tens a tua família, na qual deves pensar e não na patria, que não te dá de comer se tu não trabalhares. É por isso que eu acho melhor que tu não vás. E assim viverás socegradamente ao pé de teus pais, e não os deixarás tristes. Pois tu bem sabes quanto eles sofreram para te sustentar até essa idade. E Agora, que estás em uma idade própria para deixar tua família contente, queres seguir para o matadouro, sem saber se tu voltarás ou não ! E por isso eu penso que não deves ir. Assim nós poderemos nos divertir e viver porque a patria não interessa nada a nós.

Luiz Cardoso (19 anos)

(Início, 1916).

Os comentários publicados sugerem aproximações com as discussões sustentadas pelos anarquistas através da imprensa operária, assim como em palestras realizadas na própria escola ou nas associações sindicais. Os escritos desses dois alunos acompanham a discussão da temática sobre a Primeira Guerra Mundial e a Conferência pela Paz que foi tratada na revista anarquista *A Vida*.

Com a deflagração da Guerra Mundial, os anarquistas realizaram diversas campanhas contra a participação brasileira e denunciam os horrores deste conflito. A Federação Operária do Rio de Janeiro criou uma Comissão Popular de Agitação Contra a Guerra, em 1915, atitude semelhante em São Paulo com a Comissão Contra a Guerra (Dulles, 1977, p. 37).

Tudo indica que esses eventos foram tratados de forma pedagógica no interior da escola e ilustram aproximações dos escritos dos alunos com um texto do professor e diretor da Escola Moderna nº 2 Adelino de Pinho que foi divulgado na revista *A Vida*. Esse libertário, além de criticar a escola oferecida pelo Estado acusava-a de preparar os jovens para a guerra com as seguintes afirmações:

[...] não é sincero, nem honesto, nem desinteressado, mas somente uma manobra habilíssima para se apoderarem dos filhos dos trabalhadores e prepará-los, como já aconteceu aos pais, amolgando-lhes os cérebros e deprimindo-lhes o caráter, a serem obedientes, humildes, submissos e respeitadores do **status quo**, bons manequins, dentro de oficinas, quando há necessidade de produção, e bons manequins, no campo de batalha, quando os estoques de mercadorias abundam nos armazéns e se faz mister conquistar mercado à força de pulso, a ferro e fogo, para dar saída aos produtos invendíveis (sic). (Pinho, 1915).

Novamente fica claro que a proposta pedagógica anarquista tratava da realidade e do cotidiano com seus problemas. É ilustrativa a passagem relatada no jornal *A Voz do Trabalhador* que demonstra um evento na Escola Moderna nº 1:

Assim terminou a manifestação contra a guerra no Primeiro de Maio. A noite efetuou-se uma reunião de propaganda na Escola Moderna nº 1, assistindo os alunos e as famílias dos mesmos em franca familiaridade (sic). Começou a reunião com uma conferência o professor João Penteado, que bastante agradou à concorrência. Em seguida houve recitação de poesia e canto de vários hinos pelas crianças. (Da Paulicéia...,1915).

Essas atividades foram relatadas em diversos momentos pela imprensa operária. Isso estava consonante com a preocupação dos anarquistas e suas práticas no envolvimento das famílias no interior dos ambientes frequentados pelos proletários com objetivo de uma educação não formal. O jornal *A Lanterna* externa esse ideal ao tratar das escolas libertárias e a participação familiar nos eventos visando “atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução” (Escola...,1914). Os aspectos destacados revelam que a proposta educacional anarquista não era ingênua e muito menos neutra. Nos ambientes educativos, como as escolas, os assuntos eram tratados do ponto de vista dos trabalhadores, a partir de uma ótica libertária que objetivava a transformação social. Esses atos junto com os impressos influenciaram e ajudaram a organizar os trabalhadores em suas lutas cotidianas por melhores condições de vida.

Impressos Anarquistas e Educação: “o que todos devem ler”

De acordo com Maria Nazareth Ferreira, no período de 1847 a 1920 a imprensa operária contou com a publicação de 341 jornais que, de alguma forma, tratavam da questão do proletariado (Ferreira, 1978). A pesquisadora Isabelle Felici revela em *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil* um importante estudo sobre a tiragem e distribuição dos jornais anarquistas na Primeira República. O jornal *La Battaglia*, por exemplo, escrito em italiano, chegou a uma tiragem de 3.500 a 5.000 exemplares entre os anos de 1904 a 1912, distribuído em mais de 100 localidades do Brasil e do exterior (Felici, 1994, p. 345).

A vida destes periódicos nem sempre foi duradoura - alguns resistiram longos anos, outros alguns meses, mas o conteúdo contribuiu para informar, organizar e disseminar as lutas e reivindicações dos trabalhadores, bem como auxiliar na educação voltada para

a construção de uma nova sociedade. Esses veículos de comunicação tinham como meta explicar, de forma pedagógica, a luta internacional contra o capital e a necessidade da participação ativa nas organizações operárias, além de propagar denúncias contra injustiças sociais e propiciar uma visão histórica a partir do mirante dos trabalhadores. Nesse sentido, os periódicos eram encontrados em espaços autônomos e independentes do Estado, como: centros de estudos, centros de cultura, ateneus, bibliotecas, sindicatos e escolas anarquistas, sendo de fácil acesso tanto para leitura quanto para os interessados em fazê-los circular.

Além do papel de formação política, os veículos de comunicação também abordavam assuntos de interesse geral como, por exemplo, a proposta de reforma das normas ortográficas. Segundo Alexandre Samis, o anarquista Neno Vasco entrou em conflito com os intelectuais da Academia Brasileira de Letras, ao propor uma adaptação da gramática portuguesa ao linguajar do operariado. Outra tentativa foi a de Elysio de Carvalho com a publicação de “A ortografia simplificada” em o jornal O Amigo do Povo de 17/09/1904 e de 29/11/1904. A intenção era familiarizar militantes e trabalhadores com a redação de textos para boletins, periódicos e revistas. Desta forma,

Os jornais anarquistas e operários, muitos deles escritos com as novas regras, à revelia da norma culta, revelam uma profunda preocupação com a ampliação do acesso do trabalhador aos meios de comunicação de sua classe. Queriam, muitos dos intelectuais que interagem com os operários-escritores, a participação dos demais produtores não apenas na leitura dos periódicos, mas na confecção de artigos e colunas daqueles veículos. (Samis, 2008, p. 199).

Convém ressaltar que os periódicos registram intensa vida operária e trazem em suas páginas as marcas pedagógicas voltadas para a formação dos trabalhadores, muitas vezes como autodidatas. Neste aspecto, para Thompson, o autodidata tinha, muitas vezes, um entendimento desigual e difícil, mas era seu, em sua construção intelectual criava formas e rotinas estabelecidas em uma educação formal (Thompson, 1987, p. 366). Por sua vez, Valverde ao discutir o autodidatismo anarquista revela que:

Para o autodidata libertário não interessa somente a aquisição dos “mecanismos” de leitura, mas, para além do domínio das conexões das letras, palavras, números, juízos, são as reflexões e as análises críticas da realidade imediata e mediata que são almejadas. Porque o autodidata anarquista opera o auto-aprendizado em vista de um horizonte político e ético de negação da ordem dada, construído desde a reflexão cotidiana acerca do trabalho, das lutas sociais, e de bem com o progresso geral da humanidade. (Valverde, 2008, p. 396).

Podemos considerar um incentivo ao estudo, seja nas associações, ateneus, centros de estudos ou escolas como de forma individual. Assim, a divulgação e a grande oferta de títulos postos à venda fazem parte de uma estratégia voltada para a educação e formação dos trabalhadores. Nos jornais e revistas encontramos os anúncios e indicações de leitura com os títulos: “Biblioteca Social” ou “Leitura que recomendamos – O que todos devem ler”. Nesse espaço eram mencionadas obras que não se restringiam à literatura anarquista, mas que estavam voltadas à formação de uma consciência crítica dos problemas enfrentados

pelos trabalhadores. Seleccionamos algumas das indicações de leituras encontradas na revista *A Vida* (1914-1915), nos jornais *A Voz do Trabalhador* (1908-1915), *A Lanterna* (1912-1914), *Germinal/La Barricata* (1912-1913):

Quadro I - Livros Indicados para Leitura na Imprensa Anarquista

Autor	Obra
Neno Vasco	Da Porta da Europa Górgias / ao Trabalhador Rural
Peter Kropotkin	A Conquista do Pão O Comunismo Anárquico A Grande Revolução (2 vol.) Palabras de un Rebelde
F. Nietzsche	Assim Falava Zarathustra Genealogia da Moral El Anticristo
Sebatian Faure	A Dor Universal
Fernand Pellotier	A União dos Sindicatos e a Anarquia
Errico Malatesta	Programa Socialista anarquista revolucionário Entre Camponeses A Anarquia
Elisèe Reclus	Evolução, Revolução e Ideal Anarquista El Porvenir de Nuestros Hijos Los Primitivos (2 vol.)
Bakunin	Dios y el Estado Federalismo, Socialismo y Antiteologismo
Max Stirner	El Único y su Propriedade (2 vol.)
Luisa Michel	El Mundo Nuovo
Proudhon	Que és la Propriedad
Adolfo Lima	O Ensino da História Educação e Ensino (Educação Integral) O Teatro na Escola

Além dessas obras encontramos também uma lista de livros destinados à educação e também recomendados nos periódicos anarquistas. Verificamos que a editora portuguesa Guimarães & Companhia constituiu uma coleção com o título de Biblioteca de Educação Racional. Não foi possível identificar aproximações de todos os títulos com as “Publicaciones de la Escuela Moderna” selo editorial criado por Ferrer y Guardia em Barcelona. Importante destacar que o livro de História Universal de Clemencia Jacquet traduzido para o português foi a primeira obra publicada em 1901 e 1902.

Quadro II - Biblioteca de Educação Racional

Autor	Obra
Camilo Flamarion	Iniciação Astronômica. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1910.

Dr. Toulouse	Como se deve educar o espírito. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1912.
George Darzens	Iniciação Química. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1911.
Charles A. Laisant	Iniciação Matemática. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1911.
Emile Brucker	Iniciação Zoológica. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1911. Iniciação Botânica. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1912.
Guillaume, Ch.-Ed.	Iniciação Mecânica. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1911.
Clemencia Jacquinet	História Universal. 2 vol. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa, Guimarães & Cia., Editores, 1914

Constatamos que a editora Guimarães & Cia. também publicou diversos títulos anarquistas em português na “Coleção Sociológica”, muitos vendidos no Brasil, tais como: A doutrina anarquista de Paul Eltzbacher; A Sociedade futura e A sociedade moribunda e a anarquia de Jean Grave; A conquista do pão e Palavras de um revoltado de Peter Kropotkine; A dor universal de Sebastien Faure; O amor livre de Charles Albert; entre outros. O livro de Jean Grave, A Sociedade futura também foi publicado pela editora de Ferrer e era uma leitura destinada aos adultos.

História Universal de Clemencia Jacquinet: uma visão anarquista de história

No primeiro boletim da Escola Moderna de Barcelona, foram feitas críticas aos livros destinados à educação, que apontavam suas deficiências e a impossibilidade de utilização para o projeto de Ferrer. Na crítica destacava-se o caráter sectário, político, patriótico que contrariavam “toda a integridade moral do ser humano, que em todas as ocasiões deve evidenciar sua própria personalidade para ser digno de sua vontade e de sua responsabilidade” (Boletim, 1901, p. 14).

Frente a essa constatação são apresentados os motivos da criação de uma biblioteca pedagógica que compreenda “todos os livros necessários” para um “ensino verdadeiramente positivo” e voltado para os objetivos da escola (Boletim, 1901, p. 14). Segundo Velazquez e Viñao, o primeiro livro publicado nesse ano inicial da escola [1901], foi o volume I da História Universal de Clemencia Jacquinet, diretora da Escola Moderna desde a sua fundação até 1903. Essa professora conheceu Ferrer no período que ele se encontrava no exílio e foi sua aluna de espanhol em 1897 na sede da loja maçônica do Grande Oriente Francês em Paris (Velázquez; Viñao, 2010, p. 86).

Essa obra, utilizada pela Escola Moderna de Barcelona de Ferrer a partir de 1901, foi impressa em português pela editora Guimarães & Cia. em 1914, na coleção “Biblioteca de Educação Racional”. Esse compêndio nos oferece uma visão detalhada do que os anarquistas, dentro do pensamento pedagógico do racionalismo, entendiam como o ensino de história. Segundo Batista, compêndios seria um conjunto de textos por meio dos quais se expunham, de forma resumida, os conteúdos dos programas da

disciplina (Batista, 2009, p. 54). Nesse caso, os temas desenvolvidos procuravam abarcar as temáticas de forma objetiva e sintética buscando facilitar a mediação entre professores e alunos. Os volumes foram assim organizados:

Quadro III - História Universal: sua organização

Espanhol		Português	
Volume I 226 páginas	1ª parte, Tempos pré-históricos ao Império Romano	Volume I 264 páginas	Época pré-histórica 1ª parte, História do Egito; 2ª parte, Idade Média;
Volume II 306 páginas	2ª parte, A Idade Média 3ª parte, Tempos Modernos	Volume II 264 páginas	3ª parte, Os Tempos Modernos; 4ª parte, A Revolução Francesa; 5ª parte, Desde Napoleão até nossos dias.
Volume III 270 páginas	4ª parte, A Revolução Francesa e suas consequências 5ª parte, De Napoleão até nossos dias		

A escolha e a organização dos temas realizadas pela autora podem ser consideradas como um “um complemento à ação do professor, que deve introduzir e desenvolver a matéria, sugerir exercícios, fazer avaliações, propor acréscimos” (Batista, 2009, p. 56). Importante salientar que algumas das obras citadas no quadro II trazem em seu prefácio um esclarecimento que “este livro não é uma obra de ensino escrita para colegiais, mas um livro de esclarecimento para os educadores” (BRUCKER, 1911; 1912). Revelando que tais exemplares estavam destinados a serem livros de professores cumprindo a função de compêndio ou para complementar a ação pedagógica em sala e fora dela.

Em seu prefácio no Compêndio de História Universal, Jacquinet alerta para o objetivo e metodologia utilizada no livro, seus apontamentos criticam a história entendida como “relato das guerras, cronologia dos reis, relato que se reduzia à glorificação da força, a que se juntava oportunamente uma apologia religiosa”. Para a autora, isso não representava um ensino útil, “pelo contrário, muitos cérebros juvenis se apaixonaram pela fama dos conquistadores, cujas virtudes e glórias tanto se exaltava” o que revelava que o estudo da história estava destinado a “ilustrar as novas gerações com a experiência das já mortas” (Jacquinet, 1901 p. 3).

Ao apontar o método em uso que consistia em dar a “preponderância à história da civilização, deixando apagada a história política”, Jacquinet considerava que “a tentativa era louvável e correspondia a uma necessidade imperiosa”. Entretanto, advertia que se limitavam a:

mostrar o funcionamento e os diversos expedientes dos governos; a extensão do comércio, isto é, da exploração do homem pelo capital, da vassalagem do dinheiro; também nos fala muito das elucubrações altamente fantástica dos fundadores de religiões e da sua suposta ação benéfica na humanidade. (Jacquinet, 1901 p. 3).

Sua crítica era direcionada à insuficiência desse método desenvolvido nos livros em “não compreender mais que a história dos guias dos povos, mas não dos povos [...] e

nas suas mais atrevidas concepções, como previsão do futuro, não vai além do nível das repúblicas atuais” (Jacquinet, 1901 p. 4). De modo geral, para essa autora, no *Compêndio de História Universal* buscou-se

compreender de muitas diversas maneiras a história da civilização, desde o surgimento do homem sobre a Terra, nos esforçamos para reconstruir a vida real com todas as suas lutas, sofrimentos e progressos; procuramos colocar a nú a maldade de todos os exploradores: guerreiros, legisladores, sacerdotes e todo o conjunto de ilusões que sofrem o povo, os verdadeiros, os que trabalham; deduzimos **um ensino completo e severo para instruir as novas gerações para o conhecimento dos seus verdadeiros direitos e de seus verdadeiro deveres**: que seja uma escola de fraternidade universal, um testemunho de paz para o homem honrados e um motivo de terror e espanto para aqueles que tentam subjugar os seus irmãos. (Jacquinet, 1901 p. 4, grifos nossos).

Ciente das limitações e sem procurar impor seu método, Jacquinet termina o prefácio manifestando que “na continuação deste trabalho teremos muito especial empenho em não perder nunca de vista o sentimento altamente liberal e verídico que deve predominar na história universal dos homens” (Jacquinet, 1901 p. 4).

Percebemos que nos prefácios do *Boletín de la Escuela Moderna* de 30/10/1901; do *Compêndio de História Universal em espanhol* (1901) e na edição portuguesa (1914) há uma preocupação com a forma de ensinar história nas escolas anarquistas. Essa inquietação aponta para uma concepção de história em que a centralidade passaria dos grandes heróis e líderes para o povo. Uma tentativa de instituir um outro ponto de vista, romper com a memória que coloca o vencedor como centro do processo histórico e resgatar a participação popular no movimento da história. Em outras palavras, conceito que será desenvolvido posteriormente como autores como Walter Benjamin, por exemplo, e que no Brasil, Edgar De Decca discutiu nos anos 1970 ao mostrar que os vencidos no processo histórico não possuem as formas de divulgar e valorizar sua história (De Decca, 1979).

Conclusão

Ao observarmos os autores e obras percebemos a riqueza e a profundidade teórica dos títulos sugeridos e aventamos que deveriam fazer parte das mesas de leituras das associações operárias, dos centros de estudos sociais e dos bolsos de militantes e simpatizantes socialistas.

Nos periódicos encontramos as indicações de diversos títulos alguns de caráter sociológico e outros pedagógicos. Os livros da coleção *Biblioteca de Educação Racional* da editora portuguesa Guimarães & Cia. receberam especial atenção dos anarquistas com divulgação e venda em seus jornais e revistas.

Podemos aventar, a partir das listas organizadas nos Quadros I e II, que nas escolas anarquistas brasileiras esses autores foram utilizados como livro de referência, pois não aparecem indicações nos jornais escritos pelos alunos ou nas descrições dos ambientes escolares. Preliminarmente apontamos que a circulação/presença de outros textos na sala de aula, embora não tenham sido produzidos ou gerados para o contexto do cotidiano

escolar, acabaram recebendo este destino e complementando a formação dos estudantes. Em outras palavras, os diversos materiais impressos eram utilizados para a formação crítica dos alunos e alunas que estavam dentro do projeto de transformação e construção de uma nova sociedade proposta pelos anarquistas. Entretanto, os recursos didáticos não se limitaram aos impressos. Em diversos momentos são feitas referências aos passeios com observação acompanhado da intervenção do professor, conforme relatou o aluno Edmundo Mazzone: “Eu vi pelo caminho uma pontesinha na travessa da rua Catumbi. Lá nosso professor nos explicou que os troncos da taguara se chamam rizôma e que esses troncos caminham debaixo da terra.” (Início, 1915). Além da participação em diversas atividades comemorativas do mundo do trabalho nas associações com apresentações de declamações, teatro, leitura dramática nas diversas datas como: 23 de março, morte de Giordano Bruno; 18 de março, Comuna de Paris; 1º de maio, execução dos mártires de Chicago; 14 de julho, queda da Bastilha; 13 de outubro, fuzilamento de Francisco Ferrer. Por meio dessas atividades a escola aproximava alunos, famílias e sindicatos com festas e conferências e ampliava os recursos educacionais visando uma compreensão mais ampla de escola e educação.

Com uma pedagogia que rompia os muros da escola a proposta educativa anarquista representava um avanço e ao mesmo tempo um perigo. Avanço, pois discutia uma escola voltada para os problemas da realidade dos trabalhadores. E perigo ao questionar a educação tradicional ao propor um novo modelo. Assim, a escola desafiava a organização tradicional da educação e trazia novos elementos como jornais e impressos operários e anarquistas nas salas de aula. Com isso praticava um exercício de conhecer e questionar o cotidiano.

Por sua vez, a obra *Compêndio de História Universal*, propunha uma nova forma de tratar a história. Deslocava o eixo dos heróis para a das lutas dos povos, seus conflitos e contradições. Assim, nessa proposta do ensino de história anarquista procurou-se deslocar o pêndulo para as lutas populares e uma nova possibilidade de fazer história.

Referências

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de “livros didáticos”. In: BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. de O. **Livros escolares no Brasil: elementos para uma história**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 41-74.
- BRUCKER, Emile. **Iniciação Botânica**. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa: Guimarães & Cia., Editores, 1912.
- BRUCKER, Emile. **Iniciação Zoológica**. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa: Guimarães & Cia., Editores, 1911.
- CARVALHO, Elysio de. Ortografia simplificada. **O Amigo do Povo**. São Paulo, 17 de set. 1904.
- CARVALHO, Elysio de. Ortografia simplificada. **O Amigo do Povo**. São Paulo, 29 de nov. 1904.

- DA Paulicéia proletária – a agitação contra a guerra – a comemoração do primeiro de maio – movimento de organização operária. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro, 08 de jun. 1915.
- DE DECCA, Edgar. **1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DELGADO, Buenaventura. **La Escuela Moderna de Ferrer i Guardia**. Barcelona, CEAC, 1979.
- DULLES, J. W. F. **Anarquista e comunistas no Brasil, 1900 - 1935**. Trad. Cesar Parreiras Horta. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1977.
- FELICI, Isabelle. **Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920**. Tese (doutorado) - Universite de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O estudos de manuais escolares e a pesquisa em história. In: BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. de O. **Livros escolares no Brasil: elementos para uma história**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 11- 40.
- GIROUD, Gabriel. **Cempuis: Éducation intégrale – coéducation des sexes, d’après les documents officiels et les publications de l’établissement**. Bibliothèque Internationale des Sciences Sociologiques. Paris: Librairie C. Reinwald; Scheleicher frères, editeurs, 1900.
- JACQUINET, Clemencia. **Compendio de História Universal**. 3 vol. Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1901.
- JACQUINET, Clemencia. **História Universal**. 2 vol. Coleção Biblioteca de Educação Racional. Lisboa: Guimarães & Cia., Editores, 1914.
- MORAES, José Damiro de. Educação anarquista no Brasil da Primeira República. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (org.) **Navegando pela História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR, 2006A.
- MORAES, José Damiro de. Francisco Ferrer y Guardia. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (org.) **Navegando pela História da Educação Brasileira**. Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR, 2006B.
- PINHO, Adelino de. A escola, prelúdio da caserna. In: Revista *A Vida*. Rio de Janeiro, 31 de mar. 1915.
- SAMIS, Alexandre. O anarquismo no Brasil. In: **História do Anarquismo**. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Faísca: Imaginário, 2008.
- SOLÀ, Peré. **Las escuelas racionalistas en Cataluña (1909-1939)**. Barcelona: Tusquet Editor, 1978.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TOMASSI, Tina. **Breviario del pensamiento educativo libertario**. 2ª ed. Cali, Colombia: Asociacion Artistica “La Cuchilla”, 1988.

VALVERDE, Antonio José Romera. Socialismo libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento de Jaime Cubero. In: **Educação e Pesquisa**. Ago 2008, vol. 34, n° 2, p. 393-397.

VELÁZQUEZ. Pascual; VIÑAO, Antonio. Un programa de Educación Popular: El legado de Ferrer Guardia y la Editorial Publicaciones de la Escuela Moderna (1901-1936). in: **Educació i Història**: Revista d'Història de l'Educació. Societat d'Història de l'Educació dels Països de Llengua Catalana. Núm. 16 (juliol-desembre, 2010).

Periódicos

Amigo do Povo, O. São Paulo, 1902-1904.

Barricata, La. Periodico anarchico. São Paulo, 1912-1913.

Boletim da escola moderna; suplemento da obra de Ferrer. Ed. Fac-similar. Co-edição Centro de Memória Sindical e Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.

Boletín de la escuela moderna. Barcelona, 1901-1903.

Germinal. Semanário Anarquista. São Paulo, 1912-1913.

Início, O. Orgam dos alunos da Escola Moderna n° 1. SP: Escola Moderna n° 1, 1915 – 1916.

Lanterna, A. Anticlerical e de combate. São Paulo, 1912, 1913, 1914.

Plebe, A. São Paulo, 1917-1919.

Vida, A – Periódico Anarquista. Org. Centro de Memória Sindical e Archivio Storico Del movimento Operaio Brasileiro. Edição fac-similar. São Paulo: Ícone, 1988.

Voz do Trabalhador, A. Orgam da Confederação Operária Brasileira (COB): coleção fac similar de 71 números , 1908 – 1915. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Centro de Memória Sindical, 1985.

Arquivos

Arquivo Edgard Leuenroth - AEL/UNICAMP

Centro de Documentação e Memória da *UNESP* - CEDEM/UNESP

Fundación Francisco Ferrer i Guardia - <http://www.laic.org/cas/index.php>

<http://www.archive.org/>

Recebido em novembro de 2011

Aprovado em abril de 2012